

Instituto de Educação Cristã
Departamento de Educação da Conferencia Geral
Da Igreja Adventista do Sétimo Dia

AVALIAÇÃO EDUCACIONAL NUMA PERSPECTIVA CRISTÃ
(Uma análise reflexiva e possíveis sugestões)

Por
Jailton Valença Barros
Diretor de Educação
Associação Rio de Janeiro Sul
Rio de Janeiro – Brasil

**489-02 Institute for Christian Teaching
12501 Old Columbia Pike
Silver Spring, MD 20904 USA**

Preparado para o
29º. Seminário de Integração Fé e Ensino

Universidade Adventista São Paulo – Ct2
São Paulo – Brasil
Janeiro de 2002

AVALIAÇÃO EDUCACIONAL NUMA PERSPECTIVA CRISTÃ

INTRODUÇÃO

Avaliação Educacional – tema genérico amplamente discutido por professores, administradores, pais e alunos como instrumento ou processo para medir o rendimento alcançado em determinados objetivos previstos nos diversos níveis estudantis.

Este processo tem o seu foco direcionado nos resultados obtidos pelos educandos, com o objetivo de promover e selecionar os “mais aptos” para a universidade, excluindo a essência da prática educacional – a formação integral do ser.

A Educadora Ellen White faz menção ao objetivo da verdadeira educação dizendo que

“Nossas idéias acerca da educação têm sido demasiadamente acanhadas. Há a necessidade de um escopo mais amplo, de um objetivo mais elevado. A verdadeira educação significa mais do que a prossecução de um certo curso de estudos. Significa mais do que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem”.¹

Diante deste ideal de Deus para educadores cristãos, em contraposição a pratica secularizada de nossos dias, pretendemos através deste ensaio:

a)Suscitar uma oportunidade para reflexão da pratica educativa que está voltada para uma avaliação seletiva, classificatória, uniformizadora e conseqüentemente discriminadora em seus efeitos.

b)Oportunizar uma visão cristã do processo avaliativo que possibilite uma adequação ao ideal de Deus – restaurar no homem a Sua imagem, contribuindo de maneira eficaz na formação do caráter.

c)Comparar a metodologia de Jesus a fim de nortear caminhos que permitam o desenvolvimento da autonomia e autenticidade do aluno, sendo mais justo no processo avaliativo.

¹ Ellen White, *Educação*, p.13

AValiação Seletiva - Contexto Secular.

A avaliação neste contexto esta centrada na seleção de alunos, onde numa escala de 0 a 10, privilegia alguns em detrimentos de outros, permitindo escolher de forma numérica os melhores alunos de uma classe ou grupo. A prática deste processo em várias gerações de alunos, embora aparentemente tenha dado certo dentro desta ótica, apresenta pontos vulneráveis onde o aluno corre o risco de ser desconsiderado em suas características individuais e suas diferentes inteligências, pelo simples fato de estar sujeito a uma avaliação que seleciona, definida de maneira padronizada, no qual o resultado, embora muitas vezes, satisfatório em sua média, não está voltado às deficiências sinalizadas no processo de ensino-aprendizagem, deixando para trás, de maneira cumulativa e imperceptivelmente, objetivos que não foram aprendidos, mas que em face do sistema avaliativo utilizado, permitiu a aprovação do aluno.

A ênfase da avaliação seletiva, realizada a partir de provas e testes, para verificar conhecimentos adquiridos pelos alunos durante o período letivo, classificando-os em bons e maus, fracos e fortes, em relação às informações transmitidas pelo professor, leva muitas vezes à busca de classificação ao invés do aprendizado que se deseja alcançar.

Neste contexto secularizado, a avaliação tem sido um instrumento sancionador e qualificador que se limita à valoração dos resultados obtidos pelos alunos. Desta maneira, o aluno pode estar sendo trabalhado imperceptivelmente seguindo um modelo evolucionista, cuja idéia conceitual preconiza a sobrevivência do melhor, o mais apto, aquele que armazenou mais informações, desconsiderando as suas características individuais.

Alem disso, encontramos às chantagens emocionais por parte dos pais, que reforçam o sentimento dos filhos, a vivenciarem uma situação que estimula o seu comportamento, conforme relata GOLDBERG (1980) “se as notas dos filhos são excelentes, os pais oferecem presentes que podem aliciar comportamentos, fazendo com que o aluno, em vez de estudar para aprender, estude para sair-se bem na prova”.

De certo modo, parece ser algo razoável. No entanto, admiti-se que esta postura poderá trazer conseqüências para a personalidade do educando, que vai se deixando influenciar pelas recompensas ao invés de aprender em face dos desafios que estão sendo oportunizados para ele.

Observa-se ainda, que a avaliação seletiva, secular ou tradicional em função de alguns fatores pessoais, pode estar impregnada de autoritarismo da parte de alguns professores,

conforme afirma Jussara Hoffmann: "a ação classificatória e autoritária, exercida pela maioria, encontra explicação na concepção de avaliação do educador, reflexo de sua estória e vida como aluno e professor".²

Há necessidade de exercer cautela ao avaliarmos o educando, pois existem preconceitos, distorções, temores, que fazem diferença na sua formação e que acabará interferindo em sua individualidade.

*"Os princípios e hábitos do professor devem ser considerados de maior importância do que mesmo suas habilitações literárias. Se o professor é cristão sincero, ele sentirá a necessidade de ter interesse igual na educação física, mental, moral e espiritual de seus alunos. A fim de exercer a influência devida, deve ele ter perfeito controle sobre si mesmo e ter o coração ricamente impregnado de amor aos alunos, o que se verá em seu olhar, suas palavras e atos. Deve ter firmeza de caráter; então poderá moldar a mente dos alunos, assim como instruí-los nas ciências."*³

Torna-se necessário exercer maior cuidado na avaliação, pois ela é um processo amplo que considera a existência humana, em todos os seus aspectos, e que implica também numa reflexão crítica sobre a prática, captando avanços, resistências, dificuldades que conduzem para uma tomada de decisão, possibilitando reorientar o educando a transpor as barreiras.

O modelo tradicional, seletivo, classificatório ao utilizar notas e conceitos como instrumento avaliativo, não permite a reorientação, e conseqüentemente à construção de conhecimento, no qual, o professor exerce um papel de informante e fiscalizador do quanto foi captado pelo aluno.

A ação pedagógica neste processo tradicional poderá estar simplificada ao "toma lá dá cá", ou seja, o professor transmite o conteúdo e o aluno retorna através de provas e testes o quanto assimilou.

Léa Depresbiteris, em seu Caderno de Idéias argumenta que a associação que limita o ato de avaliar ao de atribuir uma nota leva a um desvio bastante comum: reduzir a avaliação à mera atividade de elaborar e aplicar instrumento de medida. Nessa perspectiva, há o grande perigo de se direcionar a aprendizagem apenas para o domínio de conteúdos de uma prova final, de uma unidade de ensino ou de um curso.⁴

² Jussara Hoffmann, Avaliação Mito & Desafio, p. 12, 1980

³ Ellen White, Mente Caráter e Personalidade, Op. Cit., p. 189

⁴ Léa Depresbiteris, Caderno de Idéias - FDE No. 8., p.

É importante entender, que o ensino tem uma função mais abrangente do que informar conteúdos, e medir o que foi captado pelo aluno. Ele abarca outras dimensões do ser. Explica Antoni Zabala: “Quando a formação integral é a finalidade principal do ensino e, portanto, seu objetivo é o desenvolvimento de todas as capacidades da pessoa e não apenas as cognitivas, muitos dos pressupostos da avaliação mudam.”⁵

Ellen White, afirma: “*A verdadeira educação não desconhece o valor dos conhecimentos científicos ou aquisições literárias; mas acima da instrução aprecia a capacidade, acima da capacidade a bondade, e acima das aquisições intelectuais o caráter*”.⁶

Percebe-se que a avaliação tradicional em virtude de vários fatores sociais, está se deslocando da educação infantil à universidade de forma descentralizada do ensino-aprendizagem, onde o mais importante é a produção do conhecimento, passando a ter como norteador das ações a avaliação seletiva.

Ana Maria Avela Saul comenta: “Em nome da avaliação, o aluno vai ou não vai para a escola, faz ou não faz a lição, fala ou não fala determinadas coisas, comporta-se de uma maneira ou de outra; isto porque tem a avaliação”.⁷

Logicamente, surgem expressões que indicam que de fato, a prática tem sido assim. “Olha lá, logo vamos fazer uma prova”, “Se vocês brincarem, a prova vai ser mais difícil”, “Eu vou fazer uma prova relâmpago”, “Cuidado com a sua nota”, “Vou tirar dois pontos”, e assim por diante.⁸

Regina Cazaux Haydt comenta que “a avaliação deve ser um instrumento para estimular o interesse e motivar o aluno para maior esforço e aproveitamento, e não uma arma de tortura ou punição. Nesse sentido, a avaliação desempenha uma função energizante, à medida que serve de incentivo ao estudo. Mas complementando essa função, a avaliação desempenha, também, outra: a de feedback ou retroalimentação, pois permite que o aluno conheça seus erros e acertos”.⁹

⁵ Antoni Zabala, A Prática educativa, p. 197

⁶ Ellen White, Educação, Op. Cit., p. 225

⁷ Ana Maria Avela Saul, A Avaliação Educacional, p. 64

⁸ Ibidem., p. 64

⁹ Regina Cazaux Haydt, Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem, p. 26

A avaliação é um instrumento de auxílio, tanto para o professor, quanto para o aluno, que quanto mais imediato conhecer seus erros e acertos, poderá estar motivado a estudar, a corrigir as falhas e a continuar progredindo.

O professor baiano Cipriano Luckesi, utilizando a expressão “pedagogia do exame” identifica o procedimento controlador que tradicionalmente está sendo utilizado pelos professores nas escolas como um instrumento de força.

A educadora Nielce Filette confirma a prática adotada pelas escolas seculares quando diz que *“a escola tradicional dá exercício, provas, tudo pronto e mastigado. A criança precisa aprender a fazer trabalho em equipe, tomar iniciativas. A escola tem de ensinar conhecimento, habilidade e atitudes. Hoje, ela dá somente o primeiro item”*.¹⁰

A avaliação tradicional, poderá estar falhando ao formar alunos que não desenvolveram a capacidade de pensar e agir por si mesmos. Conseqüentemente forma um cidadão que não analisa os prós e os contra, tomando decisões impensadas em virtude de uma prática que não cria oportunidades de ação-reflexão.

Descreve Ellen White que *“durante séculos a educação tem tido que ver especialmente com a memória. Esta faculdade foi sobrecarregada ao extremo, enquanto outras faculdades mentais não foram desenvolvidas de maneira correspondente. Os estudantes têm empregado seu tempo em entulhar laboriosamente o espírito de conhecimentos, dos quais pouco poderiam utilizar ... A educação que consiste no exercício da memória, com a tendência de descoroçar o pensamento independente, tem uma influência moral que é pouco tomada em conta. Ao sacrificar o estudante a faculdade de raciocinar e julgar por si mesmo, torna-se incapaz de discernir entre a verdade e o erro, e cai fácil presa do engano. É facilmente levado a seguir a tradição e o costume”*.¹¹

Weigle enfatizou quão importante é desenvolver no aluno a capacidade de construir suas próprias idéias: *“Não é aquilo que você diz ou conta ao aluno, e, sim, aquilo que ele pensa depois de ouvir suas palavras; não é aquilo que você faz por ele, e, sim, aquilo que ele faz com suas próprias mãos; não é a impressão, e, sim, a reação dele que determina o seu desenvolvimento. Você não pode enfiar idéias na cabeça do aluno; suas palavras são apenas símbolos das idéias que estão em sua mente. O aluno deve interpretar tais símbolos e daí com isso construir suas próprias idéias. O ensino só obtém êxito quando leva o aluno a agir”*.¹²

¹⁰ Nielce Camilo Filette, Revista Educação ano 23, no. 193 p. 17, maio/97

¹¹ Ellen White, Educação, Op. Cit., p. 230

¹² L.A. Weigle, The Teacher, American Baptist Publication Society, p. 87, 1917

2. AVALIAÇÃO CONTINUADA - PONTO DE VISTA CRISTÃO

A avaliação num contexto cristão, não deve proceder da maneira como faz o modelo tradicional. Precisa estar segura dos objetivos que se deseja alcançar na restauração da imagem de Deus no homem. O educador cristão considerará todos os aspectos que estão relacionados com o desenvolvimento das faculdades físicas, mentais, sociais, cognitivas e espirituais do ser humano, inclusive levando o educando a desenvolver sua capacidade de pensar e agir e não ser “*meros refletores do pensamento de outrem*”.¹³

É imprescindível desenvolver diferenciação da avaliação seletiva para a avaliação continuada, que fundamentalmente olha para o educando como um ser criado por Deus, dotado de possibilidades nas suas diferenças como indivíduo. Necessitando de incentivos para potencializar a auto-estima direcionando-a para um crescimento progressivo e simétrico. Comenta Ellen White:

*“O Verdadeiro ensinador não se satisfaz com trabalho de segunda ordem. Não se contenta com encaminhar seus estudantes a um padrão mais baixo do que o mais elevado que lhes é possível atingir. Não pode contentar-se com lhes comunicar apenas conhecimentos técnicos fazendo deles meramente hábeis guarda-livros, destros artistas, prósperos homens de negócio. É sua ambição inculcar-lhes os princípios da verdade, obediência, honra, integridade, pureza – princípios que deles farão uma força positiva para a estabilidade e o erguimento da sociedade”.*¹⁴

A avaliação cristã assume um papel que possibilita avanços no desenvolvimento científico, mas também de forma imprescindível molde o caráter do educando, permitindo que exerça sua individualidade comprometida com o ideal de Deus, e para poder exercer com maturidade sua cidadania, esse processo avaliativo precisa ser continuado.

É evidente que na avaliação continuada, todo o desenrolar e todas as atividades executadas são muito significativas.

Se avaliar é transformar, tudo o que diz respeito à postura, ao conhecimento, ou a qualquer atividade que envolva o aluno, fazem parte do processo continuado de avaliar.

¹³ Ellen White, Educação, p. 17, 1977

¹⁴ Id., ibid., p. 29

Nas interações cotidianas, se faz presente à avaliação. Quando os objetivos comportamentais do educando estão sendo avaliados, vale dizer que nas pequenas circunstâncias como participação em classe, seminários, atividades realizadas em casa, uso de biblioteca, leitura de jornais, são pontos fundamentais e dignos de serem valorizados. O Aspecto formativo do aluno está inserido neste processo. A sociedade exige cidadãos que se relacione uns com os outros e no círculo de vivência, é fundamental possuir senso crítico, respeitar idéias, sabendo que as diferenças também fazem parte do crescimento. O saber compartilhar, argumentar e quando necessário questionar também, faz do aluno um ser pensante.

No processo continuado não se pode excluir valores formativos como estes. Se a avaliação é distanciada, ou só ocorre em momentos formais como os indicados pelo calendário anual, gera dúvidas sobre os resultados obtidos, além de podermos afirmar que ficam perdidas valiosas oportunidades para o desenvolvimento de hábitos de aprendizagem. Por isso insisto no fato da idéia de seqüência e continuidade.

A vida não para, enquanto vivemos avaliamos e somos avaliados, a cada instante se faz necessário este ato e deve ocorrer de forma normal, sem tensões e artificialismos. Este processo avaliativo favorece algumas situações:

- 1- Previne o agravamento de dificuldades, evitando que o aluno se distancie muito dos demais, uma vez que a percepção de sua dificuldade, gera uma reação na busca de um reforço para alcançá-lo, quer seja através de monitoramento ou de uma mudança na metodologia de ensino.
Sempre que essa dinâmica acontece, o distanciamento dele diminui dos demais, pois ao vencer a dificuldade ele estará com o conhecimento nivelado ao grupo, podendo caminhar juntos.
- 2- Permite a tomada de medidas corretivas imediatas, pois, ao ser detectado o não alcance do objetivo proposto, possibilita ao aluno uma revisão dos conteúdos e uma nova chance avaliativa.
- 3- Envolve a equipe e os pais com mais freqüência no processo. Periodicamente é preparado um relatório pela equipe e remetido aos pais, onde eles poderão

identificar o que o aluno não aprendeu, e acionar mecanismos para eliminar suas dificuldades. Esse processo acontece todas as vezes que os objetivos não são alcançados. Isto oportuniza aos pais saberem também os conteúdos determinados nos próprios objetivos, e que estão sendo trabalhados no decorrer dos bimestres.

- 4- Flexiona o planejamento permitindo, se necessário, reajustes periódicos. O conhecimento de determinadas situações pode gerar mudanças na metodologia de ensino, para adaptá-la as necessidades do educando de forma a alcançá-lo com mais equidade. A periodicidade da avaliação favorece a periodicidade do planejamento.
- 5- Oportuniza ao aluno chances para ser reavaliado e atingir os objetivos não alcançados. A cada nova chance poderá reconstruir o seu conhecimento e superar suas dificuldades, fazendo-o não só lembrar-se das informações importantes, mas também distinguir as prioridades.
- 6- Sistematiza o planejamento didático. A alternância entre a execução das aulas e a avaliação ou entre a recuperação e a reavaliação, é um processo que exige sistematização do planejamento para automaticamente reorganizá-lo e adequá-lo ao aluno.
- 7- Dá mais consciência ao educador de suas limitações e necessidades de usar precaução para ser justo. Ao concluir cada etapa do ensino/aprendizagem, são medidos os resultados e comparados aos objetivos propostos. Tanto para medir quanto para comparar, é essencial a preocupação com a justiça, o crescimento e a consciência que a escola não é um lugar de enformar pessoas e sim, construir saberes para transformá-las.
- 8- Desenvolve o hábito de observação de todos os elementos educadores da Instituição. O professor em sala de aula observa mais detalhadamente o aluno, e quando ele está em atividades na biblioteca, laboratório ou em qualquer outro lugar de aprendizagem na escola, até mesmo no pátio, são feitos relatórios e encaminhados ao serviço de apoio educacional para reorientação do educando.

3. RELAÇÃO: CONTEÚDO E FORMAÇÃO DO CARÁTER

É notório que a sociedade atual tem vivenciado situações cada vez mais complexas em virtude do critério avaliativo que está centrado na quantidade de informação, ao invés de uma educação que além de informar, forma e transforma.

A preocupação social e educacional por anos a fio tem direcionado o seu foco tomando por base a quantidade dos conteúdos a serem absorvidos pelos alunos, negligenciando a formação do caráter. Diz Ellen White que “na verdadeira educação, a ambição egoísta, a avidez do poder, a desconsideração pelos direitos e necessidades da humanidade – coisas que são uma maldição para o nosso mundo – encontram uma influência contrária”.¹⁵

Não é de admirar que a despeito do nível cultural ou acadêmico, estejamos presenciando uma crise moral crescente e globalizada. A Bíblia de maneira objetiva traz a máxima que diz: “O que o homem semear, isto mesmo ceifará”. Gálatas 6:7.

Cabe ao educador cristão a responsabilidade de comunicar conhecimento, interagindo os conteúdos básicos que fazem parte do currículo estudantil, com os aspectos morais e espirituais que habilitarão o educando desenvolver seu potencial, criando alternativas para superar as dificuldades tanto no campo da ciência como dos valores.

*“A formação do caráter é a obra mais importante que já foi confiada a seres humanos; e nunca dantes foi seu diligente estudo tão importante como hoje. Jamais qualquer geração prévia teve de enfrentar transes tão momentosos; nunca dantes moços e moças foram defrontados por perigos tão grandes como hoje”.*¹⁶

É importante não esquecer que *“A verdadeira educação não desconhece o valor dos conhecimentos científicos ou aquisições literárias, mas acima da instrução aprecia a capacidade, acima da capacidade a vontade e acima das aquisições intelectuais o caráter”.*¹⁷

O educador cristão consciente de sua missão, constantemente refletirá sua prática ao avaliar seus alunos de maneira que as intervenções feitas no transcorrer do processo avaliativo norteiem a direção que o educando deve seguir. Ao falar de intervenção, refiro-me a análise de suas origens, seu ambiente sócio-cultural e familiar, suas expectativas de vida diferenciada

¹⁵ Ellen White, *Educação*, p. 226

¹⁶ Id., *Ibid.*, p. 225

¹⁷ Id., *Ibid.*, p. 225

apenas por sua individualidade, criando uma relação de simbiose com a escola, direcionando o ensino para que o que se ensina seja de vital importância para o aluno, e que ele possa ver a utilidade dos diferentes conteúdos para o uso prático na vida, pois sem essa relação o ensino torna-se teórico e de teorias o aluno e a escola estão saturados. Para que haja esta simbiose a ação do professor deve ir além do medir resultados. Deve promover mudança, pois a verdadeira educação é aquela que transforma.

O que pretendo argumentar é que a avaliação é um processo intrínseco e constante na aprendizagem, não existe como fazer o trajeto de forma inversa, nem como fazer uma dicotomia neste processo. Se pensarmos que mudando apenas o sistema avaliativo estaremos mudando a escola estamos centrando nosso ensino apenas na avaliação. A avaliação deve ser mudada sim, assim como toda prática educativa na escola, começando pelo projeto pedagógico e se estendendo por toda a extensão escolar, incluímos aqui, toda a equipe que faz parte do sistema educativo. Assim o sujeito da avaliação deixa de ser só o aluno e passa a ser de toda a equipe que intervém no processo avaliativo.

O pedagogo cristão George R Knight falando do que está envolvido na construção do conhecimento humano apresenta que

“Os objetivos da educação cristã vão além da acumulação de conhecimento cognitivo, preparação para o mundo de trabalho, auto-conhecimento e competição de modo efetivo com o ambiente. Para ter certeza, a educação cristã inclui aqueles aspectos de ensino, mas além disso há o objetivo maior de restaurar a imagem de Deus em indivíduos caídos. As metodologias utilizadas pelos educadores cristãos devem levar em consideração este propósito preeminente.”¹⁸

O que se espera de uma avaliação continuada é que seus resultados sinalizem a realidade do educando, permitindo que o mesmo seja redirecionado ao identificar deficiências em sua formação e que acima de tudo direcione a sua mente para uma perspectiva de crescimento restaurando nele a imagem de Deus.

3.COMO JESUS AVALIAVA SEUS ALUNOS

Jesus era um mestre por excelência. Jamais alguém ensinou e avaliou seus alunos como Ele (S.João 7:46). No exercício de Sua missão – restaurar a imagem perdida do homem com Deus, muitos elementos contribuíram para o Seu eficiente magistério.

¹⁸ George R Knight, Filosofia da Educação, p. 243, 2001

Sendo humano, relacionava sempre com a humanidade, percebendo suas necessidades, despertando os seus interesses individuais, estimulando progressivamente o crescimento de cada um com quem mantinha contato e indubitavelmente, avaliando como nenhum outro.

*“Enquanto viveu entre os homens, nosso Salvador participou da sorte dos pobres. Conhecia por experiência seus cuidados e asperezas, e podia confortar e animar a todos os humildes obreiros. Os que possuem verdadeira concepção dos ensinamentos de Sua vida, não pensarão nunca que se deva fazer distinção de classes”.*¹⁹

Procurava alcançar sempre os não alcançados, que muitas vezes estavam às margens da sociedade, porque não possuíam características sociais e tradicionais suficientes.

Como Mestre dos mestres, ia sempre além do comum. Sua preocupação básica era erguer as pessoas impossibilitadas pelos fatores físicos, sociais, ideológicos e tradicionais, dando uma perspectiva de vida diferenciada da comum, não meramente passageira, mas eterna.

Em Seus dias, existiam barreiras que dificultavam o desenvolvimento do indivíduo, embora diferente em sua forma, eram iguais na busca de resultados, pois discriminavam as pessoas com suas características.

*“O método empregado por Jesus para a redenção deste mundo não foi o de esperar grandes oportunidades ou momentos dramáticos, não. Foi o de utilizar qualquer oportunidade que se lhe apresentasse, no mais ordinário lugar-comum, aproveitando-se dos acontecimentos corriqueiros da vida de cada dia, e daí tirava o que de mais proveitoso houvesse para qualquer alma necessitada”.*²⁰

Todo educador precisa espelhar-se em Jesus, objetivando aprender de Sua metodologia ao avaliar as pessoas e aplicá-la em seu magistério de maneira eficaz.

*“Em todo verdadeiro ensino o elemento pessoal é essencial. Cristo, em Seu ensino, tratava com os homens individualmente. Foi pelo trato e convívio pessoal que Ele preparou os doze. Era em particular, e muitas vezes a um único ouvinte, que dava Suas preciosas instruções”.*²¹

*“Jesus, de preferência e com muito maior êxito, trabalhou com indivíduos, levando em conta a própria natureza das multidões. Ele não confiava nas multidões, nem a elas se confiou, mas confiava nos indivíduos”.*²²

¹⁹ Ellen White, O Desejado de Todas as Nações, p. 73.

²⁰ Raimundo Calkins, How Jesus Dealt with Men, Abingdon-Cokesbury Press, New York, 1942, p. 58

²¹ Ellen White, Educação, p. 232

²² H.H.Horne, Jesus the master Teacher, Association Press, New York, 1925, p. 142-143

O Alunado de Jesus

Analisaremos a seguir, alguns exemplos práticos da maneira peculiar que Jesus utilizou ao ensinar e avaliar seus alunos e os resultados obtidos;

a) Em contato com o **jovem rico**, e apesar de conhecer seu caráter repleto de desejos seculares, e ávido por aprovação. Jesus ouviu os relatos de tudo quanto ele fazia desde a sua infância para provar que era bom.(Marcos 10:20). E, ao avaliá-lo, demonstrou que tinha objetivo específico para ele. Não o desprezou por seu caráter, mas ajudou-o a separar seus valores, mostrando-lhe que nada tem maior valor do que o amor a Deus, e que todas as ações humanas devem ser movidas por este amor. Ofereceu-lhe possibilidade de se auto-avaliar e retornar quando tivesse concluído seu trabalho. (Marcos 10:21).

b) **Zaqueu**, era um aluno oportunista que se aproveitava do cargo público para enriquecer-se à custa do povo. Jesus viu nele possibilidades que os homens não viam – eis o mistério transformador do grande Mestre – Não ver apenas o que as pessoas são, mas o que podem tornar-se. Zaqueu havia sido excluído das sinagogas pelos rabinos por ser considerado deficiente moral e espiritualmente, mas o Mestre foi a sua casa para alcançá-lo. Permitiu-lhe que refletisse sobre sua postura e deu-lhe a chance de retratar-se (Lucas 19:8), provando que havia alcançado seu objetivo devotando-lhe amor e lealdade pública. O processo avaliativo do Mestre, desencadeou a transformação de sua vida e seu caráter.

c) A desprezada **mulher samaritana** junto ao poço de Sicar, não foi reprovada, mas usando a metodologia da indagação, e respeitando seu meio sócio-cultural, Jesus ajudou-a perceber sua real necessidade, e ao buscar suas origens e interesses pessoais, ampliou sua visão terrena, libertando-a dos seus temores e preconceitos, e despertando seu potencial de liderança, Jesus oportunizou-lhe um importante trabalho - ensinar seus irmãos. (João 4:10).

A atitude de Jesus ao avaliar seus alunos, ilustra como o educador cristão poderá ser bem sucedido assim como Ele foi.

Ellen White menciona, que Ele *“Falava diretamente a cada espírito e apelava para cada coração, observava a fisionomia dos ouvintes, notava-lhes a iluminação do semblante,*

...Cristo discernia possibilidades em todo ser humano. Ele não Se afastava por causa de um exterior não prometedora, ou por ambientes desfavoráveis. Chamou a Mateus da alfândega, e Pedro e seus irmãos do bote de pesca, para aprenderem com Ele.

*O mesmo interesse pessoal, a mesma atenção para com o desenvolvimento individual são necessários na obra educativa hoje”.*²³.

De fato “O mestre de nossos dias precisa ser um conselheiro pessoal, guiando o povo à solução de seus problemas. Ao ensinar, deve ter uma classe de tamanho tal que possa conhecer as necessidades individuais de cada aluno e ensinar, assim, com eficiência”.²⁴.

“O verdadeiro educador, conservando em vista aquilo que seus discípulos podem tornar-se, reconhecerá o valor do material com que trabalha. Terá um interesse pessoal em cada um de seus alunos, e procurará desenvolver todas as suas faculdades.”²⁵.

DETALHES DE SUA AVALIAÇÃO

a) Compreendia as necessidades de seus alunos;

*“Aquele que procura transformar a humanidade deve compreender ele próprio a humanidade. Unicamente pela simpatia, fé e amor podem os homens ser atingidos e enobrecidos. Neste ponto Cristo se revela o Mestre por excelência; de todos os que viveram sobre a Terra, somente Ele tem perfeita compreensão da alma humana”.*²⁶.

Embora não tenhamos a mesma visão de Cristo, é requerido de nós educadores, possuir o mesmo sentimento de amor, a fim de compreender que o aprendiz em sala de aula ou fora dela tem desilusões, ansiedades e diferentes expectativas. Esses fatores tendem a diminuir à medida que sentem o interesse e amor do mestre na busca de ajuda para o crescimento dele.

b) Procurava restaurar;

*“Em cada ser humano, apesar de decaído, contemplava um filho de Deus, ou alguém que poderia ser restaurado aos privilégios de seu parentesco divino”.*²⁷.

“Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele”. S.João 3:17

²³ Ellen White, Educação, p. 232.

²⁴ J.M.Price, A Pedagogia de Jesus – O Mestre por Excelência, JUERP, p. 68

²⁵ Idem, Educação, p. 232

²⁶ Id., Ibid. p. 78

²⁷ Id., Ibid. p. 79

c) Divisava possibilidades;

A ampla visão de Jesus era especificamente percebida como principal motivação para erguimento das pessoas. Sempre procurava olhar o potencial que cada uma delas possuíam além de suas limitações. Assim expressou Ellen White: “*Em cada ser humano Ele divisava infinitas possibilidades*”.²⁸.

“Em Sua infinita sabedoria e amor Ele vê as possibilidades do homem, as alturas que ele pode alcançar. Sabe que, muito embora os seres humanos tenham malbaratado as mercês que lhes foram concedidas e destruído a dignidade que Deus lhes dera, deve ainda o criador ser glorificado na redenção deles”.²⁹.

d) Inspirava confiança;

“Olhando para eles com esperança inspirava-lhes confiança”.³⁰.

Jesus olhava para seus alunos, e via suas possibilidades futuras e a tarefa de criar neles um caráter nobre, e não meramente suas qualificações do momento. Ele nunca perdia a esperança ao lidar com os seres humanos.

e) Preocupava-se com o desenvolvimento do caráter;

“Não tratou de teorias abstratas, mas do que é essencial ao desenvolvimento do caráter, e daquilo que alarga a capacidade do homem para conhecer a Deus e aumenta seu poder para fazer o bem”.³¹.

f) Distinguia necessidades;

Os Evangelhos sinóticos ilustram soberbamente essa característica do Mestre por Excelência. Às necessidades das pessoas não era despercebida. Ellen White comenta que Jesus, “*Tinha em vista as necessidades de toda humanidade. Perante Seus olhos espirituais estendiam-se todas as cenas do esforço e consecução humana, de tentações e conflitos, de perplexidades e perigo.*

²⁸ Ellen White, Educação, p. 80

²⁹ Idem, Conselho sobre Educação, p. 221

³⁰ Idem, Educação, p. 80

³¹ Id., ibid., p. 81

Todos os corações, lares, prazeres, alegrias e aspirações eram conhecidos dEle.”³²

g) Tinha objetivos elevados;

Quando paramos para analisar o trato de Jesus com aqueles que careciam de seus ensinamentos, somos levados a admitir a mesma conclusão que chegou a educadora cristã Ellen White: *“Nossas idéias acerca da educação tem sido demasiadamente acanhadas. Há a necessidade de um escopo mais amplo, de um objetivo mais elevado.”³³*

Ao avaliarmos um aluno devemos ter objetivos elevados em relação à sua pessoa. Não podemos nos limitar a uma avaliação generalizada. Precisamos ser hábeis ao lidar com nossos alunos, e desenvolver a mesma destreza do Mestre Jesus. A Avaliação numa escala numérica poderá representar uma limitação de crescimento ou mesmo de resultados. Porém, quando a construção do conhecimento é proposta em cima de objetivos elevados o crescimento será também correspondido.

“A presença do mesmo Guia na obra educativa hoje, produzirá os mesmos resultados que antigamente. Tal é o fim a que propende a verdadeira educação; tal é a obra que Deus deseja ela cumpra”³⁴

SEGUINDO O MODELO

Através da história não podemos olvidar a influência exercida por Jesus. Não foram poucos os livros escritos a Seu respeito. Sua Vida, Seus ensinamentos, Sua habilidade em lidar com todas as pessoas em diferentes níveis. Sem dúvida, identifica-O como o maior mestre que o mundo já conheceu. Por isso, *“Todo verdadeiro trabalho educativo encontra seu centro no Mestre enviado de Deus”³⁵*.

³² Ellen White, Educação, p. 82

³³ Id., Ibid., p. 13

³⁴ Id., Ibid., p. 96

³⁵ Id., Ibid., p. 83

Espelhado na realidade demonstrada na pessoa do Grande Mestre, compete-nos desenvolver uma trajetória semelhante na arte de educar. Todo educador gastará tempo para adquirir o conhecimento necessário para ser semelhante a Ele. Seus hábitos e princípios devem ser superiores as aptidões literárias. Sendo sincero em sua prática diária, valorizará de igual forma a educação física, mental, moral e espiritual de seus alunos.

*“A fim de exercer a justa influência, deve ele ter um perfeito controle sobre si mesmo, e o coração ricamente tomado de amor pelos alunos, o que se observará em seu olhar, suas palavras e atos. Deve ter caráter firme, e assim poderá moldar a mente dos alunos, assim como instruí-los nas ciências”.*³⁶

*Afirmou N.E. Richardson: “A maior glória da profissão do mestre está no fato de haver Jesus Cristo escolhido ser mestre, quando se viu face a face com aquilo que tinha a realizar na Vida.”*³⁷

Os professores que buscarem a orientação de Deus, obterão o Seu auxílio para ascenderem em direção ao Céu conduzindo também seus alunos, por meio de metodologia enobrecedora.

*“Cristo ensinava de maneira inteiramente diversa dos métodos comuns, e cumpre-nos ser colaboradores Seus”.*³⁸

Quando consideramos a metodologia de Jesus ao ensinar e avaliar seus ouvintes, somos estimulados e inspirados a cumprir nossa tarefa com dedicação.

³⁶ Ellen White, 3 Testemunhos, p. 135.

³⁷ N.E. Richardson, The Christ on the Classroom, The Macmillan Co., New York, 1931, p. 93

³⁸ Ellen White, Conselhos sobre Educação, p. 139

4. CONCLUSÃO

O processo avaliativo, por ser algo presente em todos os momentos da escola se torna de grande valor, pois é por intermédio dele que medimos nossa conduta, nossos acertos e erros, porém, não deve ser ele que norteie nossa prática, pois estaríamos distantes do modelo correto que é Cristo.

No dia a dia é preciso que os princípios que norteiem a proposta educacional, também direcionem a proposta de avaliação refletindo na postura do educador a fundamentação filosófica da escola. Os alunos têm necessidades físicas e emocionais que precisam ser supridas por professores ávidos por ser semelhante a Cristo. Se nossa filosofia de trabalho é semelhante à de Cristo e queremos imitar-lhe o exemplo, nenhum de nós deverá eximir-se do desejo de suprir deficiências e avaliar por objetivos. A produtividade da avaliação acontecerá se ela for um elemento do processo de ensino da Instituição.

Se a centralização do ensino, a alegria de colher os resultados e a naturalidade com que se avalia no cotidiano escolar estiver embasado na metodologia de Cristo, estaremos certamente, oferecendo uma educação que restaura e que têm objetivos eternos.

BIBLIOGRAFIA

- Calkins, Raimundo, *How Jesus Dealt with Men*, New York, USA: Abingdon – Cokesbury Press, 1942
- Depresbiteris, Léa., *Caderno de ideias – FDE no. 8*, 1990
- Filette, Nielce Camilo, *Revista Educação – ano 23, no. 19*, São Paulo, São Paulo: Editora Segmento, Maio/1997
- Haydt, Regina Cazaux., *Avaliação do Processo Ensino Aprendizagem*, São Paulo, São Paulo : Editora Ática,
- Hoffmann, Jussara., *Avaliação Mito & Desafio*, Porto Alegre, Rio Grande d Sul: Educação & Realidade, 1992
- Horne, H. H., *Jesus the Master Teacher*, New York, USA: Association Press, 1925
- Knight, George R., *Filosofia & Educação*, Eng. Coelho, São Paulo: Imprensa Universitária Adventista, 2001
- Price, J.M., *A Pedagogia de Jesus – O Mestre por Excelência*, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro , : JUERP, 1975
- Richardson, N.E., *The Christ on the Classroom*, New York, USA: The Macmillan Co., 1931
- Sant'anna, Ilza Martins., *Por que Avaliar? Como Avaliar?*, Petrópolis, Rio de Janeiro : Editora Vozes, 1995
- Saul, Ana Maria Avela., *A Avaliação Educacional*, São Paulo, São Paulo:
- Weigle, L.A. ., *The Teacher*, Filadelfia, USA: American Baptist Publication Society, 1917
- White, Ellen G. *Conselhos sobre Educação*, Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1977
- _____, *Educação*, Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1977
- _____, *O Desejado de Todas as Nações*, Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1996
- _____, *Mente Caráter e Personalidade*, Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1989
- _____, *O Desejado de Todas as Nações*, Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1996
- _____, *Testemunhas, Vol 3*, Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1977
- Zabala, Antoni., *A Prática Educativa – Como Ensinar*, Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Artmed, 1998